



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

## A “CURANDEIRA”, A RELIGIÃO E A MEDICINA NA CULTURA POPULAR

António Maria Romeiro Carvalho \*

### Introdução

Tomámos a curandeira como centro de um vasto círculo de relações e tensões, tendo como base os seus discursos. Relações entre o mundo vivencial e o sistema de crenças e visão do mundo; relações entre a própria curandeira com quem a procura ou que, muito simplesmente, com ela coexista no mesmo espaço, habitacional ou profissional. Tensões entre a curandeira, com o seu dom e poder, e os diversos outros “eus” e outros poderes: o padre, poder religioso; o médico, poder científico-técnico; Câmara, Junta e serviços estatais, poder político-estatal.

Para além destes, duas outras tensões e dois outros poderes, ainda que um mais perceptível que o outro: um, as curandeiras que coexistem na região e regiões limítrofes, uma luta pelo predomínio, pelo primeiro lugar da hierarquia das preferências, isto é, da eficácia. Dois, a mulher-mãe-dona de casa, o poder familiar e prestígio secular; dito de outro modo, relações e tensões com toda a mulher, o fraco-força da cultura popular portuguesa.

### "Diziam que minha avó era bruxa e que eu tinha ficado com os novelos dela..."

O nome mais vulgar é “bruxa”. “Bruxa daqui, ir à bruxa d’além”. Porém, é um nome que estas mulheres não gostam e negam-no. Ainda que as “mulheres de virtude” adivinhem, a bruxaria está ligada a práticas demoníacas e isto é algo que negam forte e de imediato.

Maria do Céu, de Castelo Branco, é “curandeira” e “endireita”. É isso que ela faz: cura homens e animais e endireita membros de ambos: “Endireito tudo... Partido, nada...”. Conceição Rija, prefere ser chamada pelo seu nome, na aldeia, mas gosta de se saber referida como “mulher de virtude”, como acontece na mais frequente expressão: “há aquela mulher no Ladoeiro...”

Clara, drástica e, no fim de contas, conformada é Maria Arminda. Chamam-lhe “bruxa” desde há muito. “Diziam que minha avó era bruxa e que eu tinha ficado com os novelos dela”. Mas não, a avó era uma senhora muito generosa. De tal forma se preocupava com os seus semelhantes que, permanentemente, tinha em casa três pratos com água e uma candeia de azeite: água, azeite e o número três, elementos de cura. Este trato com a água e o azeite virgem e esta solicitude para com o seu semelhante valiam-lhe o epíteto de “bruxa”, “porque a minha avó benzia e curava”.

Até os padres se lhe referem como “bruxa” — “a bruxa do Pego”. Maria Arminda aceita tais ofensas com a resignação de uma santa em respeito a Cristo sofredor. Afinal, “Nosso Senhor também lhe chamaram bruxo e cuspiram-lhe nas barbas, chicotearam-no e, no entanto, ele não se importou”. É que, valha a verdade, “os judeus também chamaram bruxo a Nosso Senhor” e tudo o que os judeus lhe chamaram existe.

### "Você tem o destino marcado. Tem de trabalhar..."

As “curandeiras” têm consciência do seu poder desde cedo. Desde crianças que têm visões, que notam doenças em pessoas e animais e recomendam tratamentos. Por via hereditária, há sempre alguém (pai, mãe, avô, avó) que já possuía algo semelhante ou, pelo menos, sempre acompanhou a curandeira e esta guarda gratas recordações dessa companhia.

Numa segunda etapa, tal qual eremita ou apóstolo, estas mulheres são temperadas na dor e no sofrimento. Sofrem o desdém dos vizinhos, vêem morrer, um a um, familiares queridos e, muitos deles, de forma violenta. Paralelamente, percorrem curandeiras, reuniões espíritas e outras mulheres

e homens de virtude a fim de tentar que o “dom”, tão doloroso, afinal, possa desaparecer ou, em último caso, se possível, fazer uma vida normal com ele, isto é, trabalhar no campo e ser como as outras. Face a esta impossibilidade, a mulher de virtude aceita e conforma-se com o destino: “Deus dá aquilo que ele quer e a quem quer”.

As etapas de percepção de algo e, simultaneamente, da aquisição e fortalecimento do conhecimento estão bem demarcadas na vida da “curandeira” do Pego. Aos três anos e meio tem a primeira visão: um homem vestido de castanho e com espingarda, faz caretas a Maria Arminda e esta não se consegue aproximar da cova, com uma telha a fazer de bica, onde costumavam ir à fonte: aterrorizada, agarrava-se às saias da mulher que ia com ela e recusava-se a avançar.

A segunda visão aparece quando o avô está amortalhado no centro da casa. Da boca do defunto saía um fumo claro que fazia um reflexo luminoso no telhado. Ali, à cabeceira, está São Miguel Arcanjo com uma balança na mão. Se, na primeira visão, um homem — o elemento masculino — a impede de beber água — o conhecimento que brota puro e cristalino do seio da mãe terra, na segunda é por demais evidente o reconhecimento e consentimento por parte do Ser Superior : a luz que se projecta e o primeiro anjo da corte celestial pesando a alma do morto. A menina Maria Arminda conhece até o depois da morte; domina o segredo desta.

Verdadeiramente significativa e lapidar é a terceira visão. Aos seis anos, idade limite da infância (pureza), Maria Arminda vai à fonte. Oíçamos: “Eu tinha, Maria, talvez os meus 6 anos (...) e eu passava sozinha por um ribeiro que se chama Vale do Gato. Ainda hoje lá existe. E eu aproximava-me dele e, quando chegava à descida do ribeiro, começava sempre a cantar. Começava a cantar, porque sentia que havia qualquer coisa para que eu não tivesse medo. Eu acho que aquilo que eu magicava era que o cantar me espantava todo o medo que eu tivesse.

Então, eu chegava lá, onde estava uma rocha, ainda lá existe hoje (...) e estava uma rocha, onde a água estava a correr clarinha e, às vezes, lavava as mãos e até bebia assim. E donde me apareceu uma moira, que essa moira ainda hoje vive encantada”.

Para além da garantia de veracidade dada pelas expressões “ainda hoje existe”, esta descrição encerra profundo significado e mitologia. Seis anos é idade de ser já “uma mulherzinha” e, por isso, avança sozinha. Porque (pre)sente uma iniciação, um rito de passagem, Maria Arminda tem medo e canta. O ter medo só vem confirmar a importância do local e do momento. a “água é um produto

natural”.<sup>[1]</sup> Ela brota da rocha e jorra em levada pura e “clarinha”. Isto é, o conhecimento brota cristalino do mais profundo da mãe-natureza e em jorradadas. Lavadas as mãos, purificadas, para receber esta dádiva, Maria leva-as à boca e ingere o conhecimento, o dom, a virtude. Quanto à moira, ela é a

própria representação da mãe-terra. O mouro é autóctone. Emergiu literalmente da terra.<sup>[2]</sup>

Mas a “mulher de virtude” do Ladoeiro está ainda numa etapa de noviciado: sonha com saltar poldras na água, com cuidado e medo. Já correu vários homens e “mulheres de virtude” e há muito que os desgostos ferem o seu viver. O último, e o mais duro, quem sabe o definitivo, foi a morte violenta de sua filha: suicidou-se com veneno.

Maria Arminda continuou a ter visões e vão morrendo entes queridos: um tio, a avó e três filhos; um tio, irmão do pai, suicidou-se e um outro é assassinado, até que lhe morreu uma sobrinha, uma rapariga que ela criou e a quem queria como filha. Caminho paralelo é o de Conceição Rija!...

## "A minha fama chega muito longe..."

Ao longo de todo este processo, os clientes vão aparecendo e estes são o maior veículo da fama da “curandeira” e sua conseqüente afirmação neste universo. O que legitima a autoridade desta mulher é o dom. “O dom é o carisma de que a intermediária se serve para legitimar a sua autoridade” e

aquele chega-lhe quotidianamente através da comunicação com os seus “Actores”.<sup>[3]</sup> Os “Actores” são homens e mulheres célebres já falecidos, santos e heróis que já partiram para o Além. São eles que, porque são “homens superiores” ou “astrais superiores”, fornecem à “mulher de virtude” a capacidade de “visão”, de ter “adiantamentos”. Cada um segundo a sua especialidade, pelo que não admira que Maria Arminda opine e vaticine sobre assuntos de foro judicial ou médico, já que são seus “Actores” e lhe dão “instruções”, homens como os drs. Paulo Rocha, Manuel Vieira (advogados) e Sousa Martins. Porque é grande a diversidade dos problemas colocados a estas mulheres, muitos e diversos são os seus “actores” preferidos: aos advogados e médicos citados, poderemos acrescentar Sidónio Pais, Manuel de Arriaga, Luís de Camões, Vasco da Gama, Marquês de Pombal, (São) Lázaro, São Francisco e, a preferida de Maria Arminda, Rainha Santa Isabel, “que foi a mãe da sesta para os trabalhadores”.

Ter mais “dom”, mais “actores” e mais clientes é ser a melhor “curandeira”, mas tal pressupõe ser eficaz e, entendamo-nos, ser eficaz não quer dizer que na realidade, cientificamente, o seja. Uma “mulher de virtude” é eficaz porque é tida, aceite e propagada como eficaz. Na luta com todas as outras

“mulheres de virtude” pela posse do topo da hierarquia, apresentam-se as curas mais incríveis, as adivinhações mais acertadas, a derrota dos médicos e dos padres, ao mesmo tempo que se confrontam (é como se se confrontassem) os “altos actores” de cada uma. Com o mesmo fim, a “curandeira” apresenta no seu curriculum a ida a Lisboa ou outros grandes centros de espiritismo. Contudo, esta apresentação é dúbia: por um lado, ir a Lisboa e fazer parte de grupos espíritas dá prestígio, principalmente quando se teve Salazar como membro do mesmo grupo, como diz Maria Arminda, por outro lado, pertencer a um grupo transmite a ideia de dependência e menoridade. Paralelamente, de forma velada, e outras vezes até nada velada, a “curandeira” ataca a sua rival denunciando que ela trabalha com magia negra, trabalha com o mal, que se regulam pelo Livro de São Cipriano, que é uma pretensa “curandeira”, que leva muito dinheiro. Como diz Maria do Céu, “há para aí tantas que querem fazer de “curandeiras”...”

### "Muita gente diz que é mentira, mas quando se vêem aflitos..."

Os primeiros clientes de Maria Arminda vieram da Beira Interior e da vizinha Espanha: Sarzeda, Castelo Branco, Alcains, Ladoeiro, Vilar Formoso e Castelo de Vide. Agora, abraça os quatro cantos do espaço: a Este, a Beira Interior; a Oeste, Lisboa; a Sul, o Algarve; a Norte, o Porto. Confirmam esta virtude os espanhóis que chegam, muito anonimamente, e os emigrantes portugueses nos meses de Verão. Mas a zona centro do País é, na verdade, a grande região de Maria Arminda - o corredor que vai da Espanha e Beira Interior até ao Litoral, tendo como tecto Guarda, Vilar Formoso, Coimbra e, como chão, Castelo de Vide, Grândola e Setúbal.

Os clientes são homens e mulheres, muito embora os homens fiquem muitas vezes à porta. São de todas as profissões e grupos sociais, como médicos, enfermeiras, jogadores e artistas, advogados e professores e cidadãos dos PALOP. Mas, sem dúvida, predominam os grupos que têm a ver com o campo e com a ruralidade, vivam ou não na aldeia. Vêm de todas as idades, dos 10 aos mais de 50 anos, mas não vem ninguém dos 15 aos 20. Porquê? “Porque eles vivem uma magia mais diferente. Eles muitas vezes têm coisas na vida que às vezes não querem que se saiba”.

Os problemas mais frequentes são pessoais e de familiares, a par dos seus animais. Vêm por causa de doenças, desgostos e cansaços; porque lhes corre a vida mal e não têm emprego; porque têm “desgostos que não passam” e vêm também para conversar. Além de “curandeiras”, estas mulheres são, afinal, também psicólogas e psiquiatras. Para além disto, não o dizem, mas tirar acidentes, lançar e tirar maus olhados, também fazem parte das suas atribuições.

Lançar mau olhado, principalmente quando as consequências não são mais que materiais, transmite igualmente um sentimento geral de terror o que só faz aumentar o poder a fama da “curandeira”. O padre Zé de Oliveira não quis dar Nosso Senhor a Maria Arminda. “Deixe estar senhor padre. Há-de ter alguma coisa que lhe vai dar. E foi! Espetou-se com o carro naquele pau-d’arame ali ao pé da fábrica (...) Quando me vê, em Abrantes ou no Rossio, olha para mim...”. E Maria Arminda ri à gargalhada.

Por último, um acto de extraordinário poder: encontrar mortos desaparecidos. Ficar sem um filho é uma enorme dor para a mãe, mas não ter o seu corpo é uma dor inexprimível. Isto para além de não poder receber pensão a viúva de uma falecido não encontrado. Um rapaz morreu e desapareceu. “Mandaram vir os bombeiros, a tropa, a marinha, mas o rapaz nunca apareceu. A tia veio cá e eu disse-lhe: o seu sobrinho está numa oliveira que está tombada, lá na barragem de Castelo de Bode; há uma rocha e um lago de pedras onde ele está”. E assim foi, colocaram a “Vela Maria” numa bóia e, no local adivinhado, ela parou.

Como aguentar tão pesado fardo e manter a eficácia? A resposta é a mesma que daria um santo ou um ermitão no deserto: rezar, jejuar e rezar. “Eu rezo todos os dias — diz Conceição Rija — desde criança, 150 vezes à Senhora da Conceição.

O rezar muito e quotidianamente não exclui, de modo algum, o ir sempre à missa, tomar Nosso Senhor, confessar-se e ir às romarias vizinhas.

“Nos bocadinhos que tenho, faço as minhas orações”, diz Maria Arminda. Para além das “suas orações” reza quatro ou cinco terços todos os dias — um rosário. Vai a Fátima duas ou três vezes ao ano e, embora o padre da paróquia não a confesse e lhe dê a comunhão, confessa-se em Fátima e no Entroncamento e aí comunga. Tanto sacrifício, jejum e oração proporcionam um estado de pureza, estado este que permite a intervenção permanente da mãe-natureza, isto é, a renovação quotidiana do “dom”.

### "Quanto aos padres? Eles também cá vêm!..." "Eu não tenho nada de raiva aos padres"

As relações da curandeira com o padre podem-se resumir no desejo de coexistência pacífica e divisão do trabalho, mas a realidade é de conflito permanente.

Sabe-se que estas mulheres vão à missa, rezam, recorrem aos santuários católicos e utilizam termos do catolicismo, como diabo, deus, inferno... Mas não haja ilusões. As “curandeiras”, como o povo não sabem teologia e o seu catolicismo tem muitas influências e componentes de tal forma que a mesma palavra, do catolicismo teológico para o catolicismo popular, possui significado completamente diferente.

O conflito entre a “curandeira” e o padre, como dizemos, é permanente. Nestes casos, a “curandeira” sabe que, em último caso, será sempre ela a perder, pelo que ganha mais força o seu desejo de paz. Por isso, o seu principal objectivo nos ataques ao padre é conseguir a sua tolerância.

Estes ataques incidem, fundamentalmente, em dois temas. À cabeça, vem a oposição entre o que dizem e o que fazem, isto é, a “curandeira” deseja uma igreja e uma comunidade cristã humanizadas cujo elo seja a paz, a concórdia e a bondade. Maria Arminda não diz que a igreja é falsa, porque “Jesus Cristo viveu nela” e acha que “todas as crianças devem ir à missa para ouvir a palavra de Deus, o Evangelho”. O que não concorda é com o comportamento hipócrita de alguns católicos que vão à igreja, mas que se fartam de dizer mal das pessoas e são egoístas.

Segue-se a análise bíblica e a utilização de alguns conceitos do catolicismo. Os padres não acreditam em demónios, mas eles existem como provam os Evangelhos: “Jesus Cristo viveu com os demónios, conversou com os demónios”. É clara a confusão que estas mulheres têm à volta de personagens e histórias bíblicas. Algumas, como exemplo: indestrinça, entre São João Baptista e São João Evangelista, introdução de São Francisco de Assis, São Francisco Xavier e São João Baptista no número dos apóstolos; considerar Moisés como o primeiro mártir, que foi apedrejado e amarrado antes do Filho de Deus e considerar Josué como vidente.

Na verdade, a “curandeira” e o padre são rivais no simbólico.<sup>[4]</sup> E é esta verdade que justifica a negação do padre em dar água benta às mulheres, “porque a levam para as bruxas”; o negar-se a confessar Maria Arminda e a dar-lhe a comunhão ou o negar dar a “Vela Maria” para se encontrar o corpo desaparecido, porque isso é bruxedo.

Neste conflito, a “curandeira” esgrime com outras religiões que hoje existem em Portugal, não lhes negando valor.

A “curandeira” reconhece a autoridade do padre, que é legitimada pela Igreja e por uma tradição cultural popular de séculos, mas sabe também que a hierarquia é facilmente criticável quer devido a uma prática não condizente com o pregado, quer devido a uma, igualmente secular, tradição anticlerical na cultura popular. Neste arriscado número de arame, que é a vida quotidiana, jogam com o objectivo de exercer, um deles, o predomínio no exercício do poder no universo religioso e simbólico.

Mas, repetimos, esta mulher também sabe que, em caso de conflito, será ela a perder, pelo que apela à paz e à tolerância. E porque não? Afinal, “eu não tenho nada de raiva aos padre”.

### "Endireito tudo-partido? Nunca. Partido é com o médico..."

O que ficou dito acerca das religiões entre a “mulher de virtude” e o padre, é válido, no essencial, para as relações entre esta mulher e o médico.

Os ataques do médico são semelhantes aos do padre: chama supersticiosas estas mulheres, de supersticiosos os seus clientes e de superstições as suas práticas. Acusa-as de aldrabices e atribui-lhes o agravamento de doenças e a criação de outras nos que as procuram. Bem, mas, lá no fundo, o que existe no médico é a repulsa por alguém que invade o seu espaço e o medo de não ser rei nesse mesmo espaço.

Mas a “curandeira” sabe que existir em conflito é extenuante e, porque a dependência dos camponeses do médico (Caixa, medicamentos, reformas) é cada vez maior, o que, à partida, parecia trazer vantagens, deixa de o trazer. Fica assim compreendido que proponha tolerância e coexistência baseadas na divisão do trabalho, por sua vez baseada na divisão das doenças: físicas e espirituais, ainda que as possibilidades da “curandeira” não perder esta luta com o médico, ao contrário da que mantém com o padre, sejam efectivas. São efectivas por duas razões: uma prende-se com a diferente representação do mal da medicina científica e da medicina popular; a outra tem a ver com a diferente concepção do corpo entre as duas medicinas.

Na medicina, os factores sobrenaturais têm pouca ou nenhuma importância. “O médico objectiva o mal do paciente a partir das representações anatómicas existentes na sua mente e no corpo do doente”.<sup>[5]</sup>

O camponês vê o mal dentro do seu corpo e o mal é algo que deve sair, “talhado”, não ser eliminado. Tudo se passa dentro da ordem universal e para que a ordem permaneça nada pode morrer, antes mudar, ser substituído.

O médico e o urbano vêm o corpo como algo a ser cuidado quer no ponto de vista de saúde, quer no ponto de vista estético. Isto não só devido às mudanças sociais nas últimas décadas, como ao facto de a cidade ter profissões onde predomina o intelecto, não o músculo. Contudo, é necessário ter em conta que esta preocupação urbano-burguesa pelo corpo tem muito a ver com a preocupação de não

ser desclassificado socialmente.

Ao contrário, o camponês vê o seu corpo como uma máquina; a alimentação, como um combustível em quantidade e o coração como o motor. Ao contrário da beleza, é a força e a resistência à dor que o camponês valoriza.

A “mulher de virtude” prova o seu poder e a sua superioridade face ao médico relatando as suas curas (remédio e processos) em pessoas “despedidas dos médicos”. Este é o principal instrumento de ataque e de propaganda. Foi um rapazinho que estava preso das duas pernas, com uma doença parecida com a urticária, que “esteve em Lisboa, no Hospital de Santa Maria e que hoje está um homenzinho”. Foi um rapaz do Ladoeiro, aleijado das duas pernas, que foi banhado em vinho e ervas e que já tinha sido “despedido” do H.S.M.. Estes são casos de Maria Arminda. Conceição Rija cita o caso daquela senhora que já mal se levantava na cama, com problemas de ossos, e já tinha corrido “tudo o que é médico e hospital”. Curou-a e hoje está que é uma maravilha.

Porém, se a “curandeira” acha que as doenças físicas são do foro médico porque as trata? Mesmo pensando ser possível separar o foro físico do psicológico-espiritual, estas mulheres também não falham em doenças somente físicas, pela simples razão que são informadas e ajudadas pelos espíritos superiores e ao som do nome de um Sousa Martins é difícil qualquer argumentação em contrário. Além do mais, também médicos e enfermeiras são clientes destas mulheres.

Uma enfermeira do Hospital Distrital de Castelo Branco puxou a filha, de uns quatro anos, por um só braço. De imediato, a menina ficou impossibilitada de o mexer e com grandes dores. Em férias de Verão, correu às urgências do H.S.M., onde andou quatro horas em observação. O diagnóstico foi sempre o mesmo: o braço nada tinha. Vem para casa, vai à Conceição Rija. Esta apalpa o braço da criança, puxa-o, a menina dá um grito e leva a mão à cabeça. Uma cura em minutos...

Uma outra enfermeira, do mesmo hospital, tem um lindo filho. Um rapaz dos seus cinco anos. Em dado dia, sem se saber porquê, deixa de comer e empalidece perigosamente. A mãe corre todos os médicos, conhecidos e desconhecidos. Nada. É aconselhada a ir à sra. Maria Céu. Esta recomenda que faça ao menino uma papa com bolachas de sete pacotes comprados em sete lojas diferentes. O menino tem de comer, nem que seja uma só colher. O resto deita junto ao contentor e verifica se um cão ou um gato o come. Assim foi feito. Com muita dificuldade, o menino engoliu uma colherada, mas o resto, junto ao contentor, lá ficou. Nesse fim de semana, foram à aldeia e a mãe repetiu a dose. O menino comeu uma colherada e o avô deitou o resto junto ao contentor.

Passadas umas duas horas, veio um cão, de cor creme, e comeu-o. Regressaram a casa e a mãe fez uma arroz de frango. Um arroz que até nem estava nada bom. O menino comeu, comeu e comeu. No fim de dois bons pratos, ainda comeu uma banana. Nunca mais houve problemas.

Mas o médico tem muito poder, já o referimos, e quando aos médicos se alia a comunicação social, a situação torna-se muito negra para estas mulheres.<sup>[6]</sup> Nada melhor então que uma coexistência pacífica, isto é, sem grandes conflitos. Para além de ervas, Maria Arminda também manda as pessoas comprar à farmácia, que todos precisam de ser ajudados.

### “... E ainda tenho sonhos com essa casa”

Como são vistas estas mulheres? A expressão que melhor resume os sentimentos das gentes quando falam destas mulheres será a que também é utilizada com Deus: amor et timor.

Amor, respeito e admiração porque são mulheres que levam uma vida irrepreensível, são dadas e vivem como que uma espécie de clausura e uma vida, se não dedicada à oração, pelo menos com a oração como um acto permanente e quotidiano.

São mulheres que frequentam a igreja, que participam nas procissões e romarias, que executam os actos público-religiosos normais a qualquer camponês. Além disso, são mulheres que resolvem problemas e curam doenças. Algo que suscita admiração geral. Além disso, são mulheres que subiram a seu pulso, às vezes contra tudo e todos, incluso o marido, e mesmo assim fizeram a sua vida, criaram os seus filhos.

Mas, tal como acontece com Deus, têm poderes estranhos, mas eficazes. Não convém muito convívio com elas, para que não nos conheçam muito, nem convém hostilizá-las, porque se pode cair sob a sua ira. Assim, amor e medo assume-se como uma duplicidade efectiva e existencial que coloca estas mulheres, em relação à aldeia e ao aldeão, numa marginalidade que não é bem marginalidade. Há um facto na vida de Maria Arminda que sobremaneira o exemplifica.

A “curandeira” do Pego já há alguns anos que era conhecida e havia-se dedicado “o totalmente à sua função. Vivia numa casa pequena, dentro da aldeia, e ia lá muita gente. Eram pessoas muito crentes, mas ela não se sentia bem. Não conseguia trabalhar. “Até que alguém me aconselhou a ir para aquela casa da “cabeçada”. Foi aí que eu senti mais pureza na vida, foi onde fui mais elevada e ainda hoje tenho sonhos com essa casa”. Esta casa fica(ava) situada num alto, completamente fora do povoado, mas perfeitamente perto dele. Situada a norte, a um quilómetro do povoado e a um quilómetro do Tejo. Um local e uma localização marginal, mas não completamente, que lhe

permitia trabalhar à vontade e, simultaneamente, continuar integrada na sua comunidade. A casa actual de Maria Arminda já não fica fora do casario. Mas, porque é das últimas casas, para quem se dirige para Abrantes, e fica numa quelha de terra batida, continua a ser possível o necessário isolamento.

### "Nunca vi coisa tão maravilhosa: ouro fino dar uma rosa..."

Porque o universo religioso-simbólico é o mesmo, é possível estudar e caracterizar a cultura e a religião popular portuguesa a partir dos discursos destas mulheres. Vejamos algumas das características desta cultura fazendo um pequeno à parte para a utilização do número e do dia.

#### "Três é o número que Deus fez"

Há números que são usados e martelados. Outros há que são evitados. Uns ficam na memória colectiva como números positivos, outros permanecem como números negativos. Os números e a sua interpretação simbólica prende-se com uma espécie de lei que diz que quanto mais o sentido linguístico é pobre, mais o texto está sujeito à evocação simbólica. E dentro destes pobres estão os nomes próprios, os números, que são monossémicos — no dizer de Santo Agostinho — e os

nomes técnicos.<sup>[7]</sup> Positivos e muito utilizados, os dominantes na cultura popular, são o 3 e o 7. O número 10 também é perfeito, mas, interessante, não aparece no discurso das curandeiras. Diríamos que os números perfeitos e positivos na cultura popular portuguesa são ímpares e os mais que perfeitos são o 3 e o 7. E o 10? O número dez será um número perfeito para a intelectualidade — os dez mandamentos de Dez, os dez mandamentos da Santa Madre Igreja — não para o povo. Demos um salto até Israel.

Os números perfeitos para os israelitas eram o 7 e o 3. O mais que perfeito era o 100. Ao contrário, o número imperfeito era o 6. O mais que imperfeito era o 666 — o número da "Besta". Observemos o "Prólogo" (Job 1,1-2,13) e o "Epílogo" (Job 42,7-42,25) do Livro de Job e note-se a utilização do número pela classe sacerdotal — P — tal como em Gen 1,1-2,4.

É sistemática e propositada a utilização dos números 3, 7 e 10, e seus múltiplos, na história de Job, na riqueza que possuía e na que ficou a possuir depois da provação e paga de Deus.

Os números 3 e 7 não oferecem dúvidas. A "repetição mítica é regida pelo número sete e as

fórmulas populares prescrevem geralmente o número três ou os seus múltiplos".<sup>[8]</sup> O número 7 "é

um número lunar. Associa-se à ideia de regeneração e de mudança".<sup>[9]</sup> E quem diz 7, diz sétimo. O sétimo filho de um casal, se forem só rapazes, será lobisomem; a sétima filha, se fossem só

raparigas, será bruxa.<sup>[10]</sup> Na cultura popular francesa, este sétimo filho seria mágico e notável guerreiro. A estes sétimos filhos atribuía-se "no seulement de don particulier de guérir les scrofuleux, mais

aussi d'avoir, de naissance, une marque distinctive sur le corps".<sup>[11]</sup>

Para além de ligado às fórmulas populares, o número 3 aparece ligado à "abertura". Para "abrir a corrente da comunicação" com os mortos, D<sup>a</sup> Ema tem de rezar 3 PN, 3 AM, 3 SR e 3 N<sup>o</sup> Sr. do Horto; é à terceira visão que Maria Arminda tem a certeza e bebe o "dom". Tirar o "acidente", talvez a mais comum das práticas, é executar o número 3 um sem número de vezes: 3 vezes o sinal da cruz, 3 pingas de azeite, as 3 pessoas da ST, 3 PN, faz-se com 3 águas, se não se conseguiu uma vez, far-se-á o mesmo 3 vezes em 3 dias a fio, ou em 9 dias (3x3).<sup>[12]</sup>

#### "Quinta-Feira da Ascensão, quando está à hora..."

Uma pergunta colocada a todas as mulheres entrevistadas foi a de quais os dias, festas e santos preferidos. As respostas foram as mesmas. A festa e o dia preferido é o de Quinta Feira da Ascensão, seguido do Sagrado Corpo de Deus. Depois são nomeadas a Quinta e a Sexta Feira Santas. Quinta Feira da Ascensão é o dia mais sagrado da ruralidade e "muito mais importante que o dia

da Ressurreição ou da Páscoa".<sup>[13]</sup> A sua sacralidade é de tal ordem que o não trabalhar é mais respeitado que nos Domingos ou qualquer outro feriado "Quinta Feira da Ascensão é um dia muito sagrado (...) Os passarinhos só gostam da Quinta Feira da Ascensão. É um dia muito, muito sagrado. Tanto que se puser um papo-seco ou dois, do meio dia à uma, quando for noite... pode lá ficar toda a vida que nunca abolece aquele pãozinho" (Maria Céu).

A festa da Ascensão era um dia mais respeitado que o próprio Domingo, quanto ao trabalho. Nem queijo se fazia. Os jovens, à tarde, passeavam pelo campo e faziam raminhos de espiga (pão), papoilas (amor), oliveira (paz) e malmequer (dinheiro). A importância deste dia como centro da farta

seara era visível. Na região de Fátima, até aos anos 60, cantavam-se ladainhas em latim na 2ª, 3ª e 4ª Feiras antes da 5ª Feira da Ascensão. Ia-se em Procissão pelos lugares e benziam-se os campos

com água benta aos quatro pontos cardeais. Era a Procissão das Rogações e a Bênção dos Campos. [14]  
 "Quinta Feira foi escolhida pela natureza", é assim que Maria Arminda justifica o seu gosto por este dia. E a hora é a do meio dia.

O camponês divide o dia em duas partes, algo que a luz eléctrica veio ajudar à indistinção: o dia e a noite. O dia é luz, é positivo, é para as pessoas; a noite é escuridão, é negativo, é para os espíritos. A hora de início de uma e o fim do outro são o nascer e o pôr do sol, acontecimentos marcados e disciplinados pela voz do pai — o sino do campanário, mas com encomendação à benevolente

mãe, Maria — Avé-Marias. [15] A hora primordial do dia e da noite são os dois extremos do círculo diário: o meio dia e a meia noite. [16]

Se Quinta Feira da Ascensão celebra a ascensão de Cristo aos Céus [17], se é ao meio dia a hora em que o dia se abre na sua máxima luz e positividade (e até é a hora da missa, onde o padre eleva a hóstia consagrada), é natural que Quinta Feira Santa, ao meio dia, sejam o DIA e a HORA da morte mais santa. [18]

Não admira que seja o momento que Conceição Rija deseje morrer. "A alma desta mulher, à semelhança do seu arquétipo e mestre — Senhor Jesus — (ou será Moisés?), subirá direitinha aos Céus". [19]

A festa do Corpo de Deus tem como facto central a procissão desse dia. Nela se incorpora toda a Aldeia e as janelas e varandas estão engalanadas com as mais belas colchas. O chão das ruas, por onde passa a procissão, está semeado de flores e de verde. O altar-mor só neste dia "está composto diferente". Em vez das habituais flores, todos os anos, neste dia, a senhora, que há vinte e seis anos "compõe" este altar, adorna-o hoje de espigas de trigo e parras de uva. No Ladoeiro, não saía qualquer imagem. Tudo se concentrava no pálio e, sob ele, a custódia com o Corpo de Deus. É a festa do trigo, da comunidade feliz com as suas searas e, tal como na Quaresma, de noite, executou o percurso pedindo ajuda aos mortos para a frutificação da semente, agora executa o mesmo percurso processional, de dia, feliz pelo pão que está a ser ceifado.

Não "guardar" Quinta e Sexta Feira da Quaresma é algo impossível na aldeia. Quinta de tarde e Sexta de manhã, ninguém trabalhava. "Vindo o meio dia de Quinta Feira, ninguém estendia uma roupa (...) Quando desse o meio dia já estava tudo apanhado (...) Já ninguém mexia em nada. Tirando o ir comer e lavar a loucinha; mas já ninguém tocava numa vassoura", diz Conceição Rija. Nestes dias pratica-se o jejum. As grandes procissões do "encontro" e do "enterro do Senhor" são fascinantes. É

o "fascínio da morte"; a morte da semente, para que frutifique; a morte de Deus, para que ressuscite. [20]  
 Os dias e as horas das "curandeiras" são os dias e as horas do calendário rural.

Para curar os olhos inflamados, conceição Rija manda lavá-los na água da fonte Grande, a começar num Sábado (7º dia) e terminar no Domingo, passados 9 dias. Nove dias ou 15 dias, tem é de ser "impenhã". Isto é, tem de ser num número de vezes ímpar. O número par não é perfeito na cultura popular. [21]

### ***"Lá iremos, lá iremos. As portas do céu abertas acharemos..."***

Na descoberta e análise de algumas características da cultura e religião popular portuguesa, estudem-se algumas orações.

Duas características ressaltam de imediato: a ruralidade e uma profunda religiosidade. Este universo pleno de ruralidade é também visível ao longo de todos os discursos. É que as "curandeiras" não só foram jornaleiras, como este é o mundo onde vivem e também vivem, ou o têm como referencial, os seus clientes.

Como o camponês, Maria Arminda considera tudo o que existe como sendo ser vivo e dado pela mãe natureza. Aliás, não há distinção entre a natureza e Deus. "Não podemos tirar à natureza aquilo que a natureza tem, porque tudo o que vem da natureza temos nós. Porque nós temos a natureza, viemos para a natureza e seguimos a natureza: cavamos a terra que é a natureza, nascemos de Deus, que é a natureza; Deus existe que é a natureza. A natureza é a coisa mais pura que existe. Tudo o que vem da natureza é bom, é rico: é o sol, é o mar, é a terra. A terra é rica, porque tudo o que a gente lá semeia dá".

Mas a natureza é a grande mãe e arrancar as oliveiras é arrancar algo à mãe natureza e abrir estas estradas enormes é esburacar, é rasgar o seio da nossa mãe natureza. "Não gosto do auto-estrada (...) sinto a terra escavada. Sinto um vazio".

A natureza é mãe, uma mãe que tudo dá. Por isso é que dói a Maria Arminda, como dói a

qualquer camponês, tantos campos deixados ao abandono, tantos braços sem trabalhar e andarem a arrancar oliveiras, porque “não dá”. O problema, como diz um camponês no Ladoeiro, é que o “f. da p. do Estado anda a dar subsídios para arrancarem as oliveiras”. Daqui se depreende uma outra característica da nossa cultura que é ser antiestado. Iguamente, é ser pró-feminino: Santa Rita é uma santa estóica “que se casou para sofrer, visto que o marido dela era um descrente”; foi a Rainha Santa Isabel quem inventou a sesta.

O milenarismo é característico da nossa cultura. O fim do mundo está próximo e todos estes fogos (1995) que assolaram Portugal colocaram Maria Arminda em pânico, pois via o nosso país cair numa bola de fogo. A poluição está a deixar o mundo preso por um fio. O Homem inventa, inventa, mas lá está a destruição.

Embora haja pontos comuns, nomeadamente o emprego das mesmas palavras e a frequência de mesmos actos, o catolicismo popular pouco tem a ver com o catolicismo romano.

Os portugueses são anticlericais, como demonstra a. Ir-se confessar ao padre, pelo menos na “desobriga” quaresmal, ainda se vai. Agora, dizer tudo ao padre? “Nunca”. Só Deus é que pode perdoar. Maria Arminda não se confessa ao padre, já que se recusou uma vez a dar-lhe a absolvição. Contudo, confessa-se a Deus e vai comungar.

A religião popular tem muitas influências e componentes. Uma é panteísta, já aqui foi referida. Outra é judaica: é nítida a aproximação da elevação de Nosso Senhor à subida de Moisés às montanhas.

[22] Outro aspecto é a crença nos espíritos que pairam pelo mundo, andando errantes, e que tanto podem ajudar como penalizar. Estes espíritos podem entrar dentro das pessoas. É por isso que se pode “trazer” o avô, a avó... Para além do céu, do inferno e do purgatório, há ainda este lugar, por aí, onde andam os espíritos. Maria Arminda, na segunda visão que conta, vê o Arcanjo Gabriel com a balança. A alma do seu avô vai ser pesada. Algo que nos leva até ao Antigo Egipto e não à teologia católica.

A prática católica do camponês resume-se a três actos e momentos: baptismo, casamento e funeral. Padre que negue um deles é padre criticado e enxovalhado. Maria Arminda não se conforma que o filho do Ti Vacas, embora fosse Testemunha de Jeová, não fosse enterrado pela igreja. Ele errou, mas devia-se-lhe perdoar. Agora, “ele era enterrado pela igreja, que foi ela que o baptizou e casou”.

Há residuais de antigas práticas eróticas em determinados momentos ou locais religiosos. Um é o acto de fazer o pão, um acto totalmente feminino. Outro é o da prostituição sagrada, como é o caso de Santa Maria Madalena, a “Santa”. Maria Arminda diz que Maria Madalena estava a fazer o pão quando veio limpar o rosto do Senhor. Um acumular de influências e permanências num acto tão simples quão significativo.

Outro exemplo é igualmente significativo. Na “Noite do Galo”, beija-se o Menino Jesus. É um acto em que toda a aldeia participa. No final da missa, até os homens que esperam cá fora nos madeiros se dirigem ordeiramente até aos degraus do altar-mor onde o padre oferece o pé do menino para ser

beijado. Observe-se o erotismo através do canto. [23]

Mas o tratamento deste assunto de forma delicada não é só apanágio do catolicismo romano, também as mulheres rezam, na oração de Quinta Feira das Ascensão: “Nunca vi coisa tão maravilhosa: ouro fino dar uma rosa; a rosa dar fruto — Salvador do mundo”.

O medo da morte, isto é, não ter uma boa morte, é dominador. Todos rezam a Jesus e a Nossa Senhora para quando chegar a ocasião. Tão ou mais forte que este medo é o gosto pelo macabro. O camponês tem nos rituais da Quinta e Sexta Feira Santas, na morte e enterro do Senhor, os pontos mais altos do calendário religioso-rural. Este culto é de tal forma forte que os amuletos dos mortos são fortíssimos. A “Vela Maria”, a vela que vai a alumiar o véu de Maria Madalena na procissão do Senhor dos Passos, é o caso mais conhecido. É dividida e dada. Colocada numa bóia, indicará o local exacto onde está o corpo do afogado.

O catolicismo popular não tem santas doutoras. Tem santas mártires da pureza. Santa Catarina de Alexandria passou a ser Santa Catarina de Sena por desejo de algum padre, no Ladoeiro, há umas dezenas de anos. Mas toda a gente se lhe refere como Santa Catarina: vamos à “Santa” ou “Santa Catarina da Açucena”, como sempre diz Conceição Rija. Ter na mão uma palma ou uma açucena significa martírio e pureza, geralmente indeliguados. A certeza disto é que a imagem de Santa Catarina de Sena tem uma palma na mão esquerda.

Mas Maria Arminda ora a Deus e faz oração. A repetição da oração pode provocar visões. Uma outra característica do catolicismo popular é fazer oração, amearhar oração [24].

Porque o camponês considera as plantas, a água, os animais e até as pedras como seres vivos, tudo possui força vital e a sua correcta utilização como medicamento curará. Os elementos mais utilizados são líquidos e vegetais: a água é boa para os olhos inflamados e é, como o azeite, elemento base do “acidente”. Os olhos da silva são vitaminas, o medronho faz bem ao sangue, coração, bexiga e rins e o alecrim é bom para o coração, o cérebro e sangue.

O mundo real e o simbólico não existem separados. Os produtos utilizados na medicina popular



são também utilizados no culto: a água, o azeite e o vinho, o alecrim e o rosmaninho. O ar pode transportar coisas más e, quando se sente uma corrente de ar no corpo, foi-se agarrado. A bosta — excremento da vaca — é utilizada para lavar o chão das casas e colocá-lo limpo e brilhante. O uso de excrementos na medicina popular não se explica em querer eliminar a doença pelo nojo, mas por uma lógica que jaz sob toda a medicina popular: a mediação. Não só tudo o que rodeia o camponês é vida, como o excremento, porque saído do corpo, tem um elemento de vida. Por esta razão é utilizado na mediação.<sup>[25]</sup> “L’eau et l’arbre, le fruit du champs et l’animal des bois, sont ceux qui apportent le salut”.<sup>[26]</sup>

## Nove anos depois

Foram feitas duas entrevistas com intervalo de nove anos. Algumas diferenças se notam. Os cidadãos dos PALOP entram no número dos clientes das “curandeiras”. Os tempos mais modernos trazem novos problemas: filhos dependentes da droga, desemprego, inadaptação de pais e avós às novas exigências da sociedade e dos novos tipos de família que se constroem.

Estas mulheres têm dificuldades em lidar com o avanço da técnica. Computadores e outros meios avançados, bem como novos termos e conceitos, deixam-nas um tanto à toa e com um discurso incompreensível.

Contudo, o predomínio na sociedade e cultura portuguesa continua a pertencer à ruralidade. É nesta cultura que mergulha a esmagadora maioria dos portugueses e é esta cultura e os seus valores que continuam a servir de referencial. Para além disso, as modernas preocupações ecológicas vão ao encontro da preservação da natureza e da utilização natural dos seus recursos, um campo que é do gosto e do domínio destas mulheres. Ser “mulher de virtude” vai continuar.

## Fontes

### Fontes informantes

Andrade dos Santos, barbeiro, 70 anos, Ladoeiro  
 Apolinário Sousa, jornalista e investigador, 30 anos, Pego  
 Conceição Rija, Mulher de Virtude, Jornaleira, 72 anos, Ladoeiro  
 Isabel Falcão, Jornaleira, 66 anos, Ladoeiro  
 Maria Arminda, curandeira, 66 anos, Pego

### Fontes escritas

Bíblia Sagrada, Lisboa, Difusora Bíblica, 1992, 16ª Edição

## Referências Bibliográficas

- ABRANTES, Joaquim Roque e Outros, *Aljustrel. Uma Aldeia de Fátima*. Santuário de Fátima, 1993, pp. 399
- CABRAL, João de Pina, *Filhos de Adão, Filhos de Eva*, Lisboa, P. D.Quixote, 1989(1986), pp. 304
- CARVALHO, António Maria Romeiro, “Bruxas e Mulheres de Virtude na Aldeia”, *Fórum Sociológico*, nº 4, IEDS-UN Lisboa, 1994, pp. 73-89
- Idem, “A Mulher, a Medicina e a Aldeia. Uma Aproximação ao Tema”, Comunicação nas VI Jornadas de Medicina da Beira Interior, ESE de Castelo Branco, 11 de Novembro de 1995
- Idem, “A Procissão dos Homens na Quaresma...”, *Forum Sociológico*, nº 3, UNL, 1993, pp. 33-46
- CARVALHO, Clara Afonso de, “Bruxas, Vizinhos e Parentes na Beira Alta”, in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, INIC, 1989, pp. 75-84
- CLASTRES, Pierre, *O Grão-Falar. Mitos e Cantos Sagrados dos Índios Guarani*, Lisboa, Arcádia Editora, 1974 (1978), pp. 131
- Delta Boletim*, nº 2, 2-11-1986,
- DIAS, Jaime Lopes, *Etnografia da Beira*, 11 Volumes, Lisboa, Livraria Ferin, Reedição da C.M. de Idanha-a-Nova, 1944-1970
- MARTINS, José Joaquim Garrucho, *O Transe e as Bruxas no Ribatejo: Dos Nomes às Práticas - Uma Tentativa de Interpretação*, Dissertação de Mestrado, UNL, 1995, pp. 109

- PORTO, João do, *O Homem Esse Meu Conhecido*, Castelo Branco, Edição do Autor, 1981, pp. 285
- SANTO, Moisés Espírito, *Comunidade Rural ao Norte do Tejo*, Lisboa, IED, 1980, pp. 223
- Idem, “Festas Populares”, *Países, Povos e Continentes*, Lisboa, Círculo de Autores, 1989, pp. 280-289
- Idem, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 396
- Idem, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (1984), pp. 236
- STOMMA, Ludwik, *Canpagnes Insolites. Paysannerie Polonaise et Mythes Européens*, Lagesser, Verdier, 1986, pp. 193
- TODOROV, Tzvetan, *Simbolismo e Interpretação*, Lisboa, Edições 70, 1980 (1978), pp. 164
- TOLOSANA, Carmelo Lisón, *Brujeria, Estructura Social y Simbolismo en Galicia*, Madrid, Akal Editor, 1979, pp. 455

- 
- \*  
- Investigador do IEDS da UNL; equipa de coordenação nacional do PPES/ME
- [1] Moisés E.Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, p. 12
- [2] João Pina Cabral, *Filhos de Adão, Filhos de Eva*, p. 280
- [3] José J. Garrucho Martins, “O Transe e as Bruxas no Ribatejo...”, p. 64
- [4] Acerca deste conflito, ver José J.Garrucho Martins, *Opus Cit.*, pp. 70-74
- [5] António M.R.Carvalho, “A Mulher, a Medicina e a Aldeia...”, p. 6
- [6] Maria Arminda teve um caso “bicudo” há uns anos atrás, na Guarda. Apoiou a inocência de um homem, num caso de violação, contra a justiça e sofreu o ataque desta e de alguns jornalistas.
- [7] Cf. T. Todorov, *Simbolismo e Interpretação*, pp. 93-95
- [8] Moisés E.Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, p. 147
- [9] Idem, “Festas Populares”, p. 281. O cabelo que Conceição Rija deitou numa pocinha de água virou cobra aos sete dias.
- [10] Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. 9
- [11] March Bloch, *Les Rois Thaumaturges*, p. 24
- [12] Ao contrário do que se possa pensar, não é a originalidade que torna um facto verdadeiro, antes a sua existência generalizada. “O prestígio destas formas populares tidas por eficazes deriva do facto de beneficiarem da sansão social (...) A fórmula única homogeniza o pensamento e as necessidades”. Ver Moisés E. Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, p. 146
- [13] Cf. Moisés E.Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, pp. 156-158
- [14] Cf. JoaquimRoque Abrantes e outros, *Aljustrel. Uma aldeia de Fátima...*, pp. 314-316
- [15] Os dois momentos preferidos por Maria Arminda para rezar são as 8/9 da manhã e as 7/8 da noite. São as horas em que “está o astral aberto e superior”.
- [16] Sobre este assunto ver António M.Romeiro Carvalho, “A Procissão dos Homens na Quaresma...”, *Forum Sociológico*, nº 3.
- [17] Ou a subida de Moisés ao Sinai, como diz Moisés Espírito Santo. *Opus Cit.*
- [18] “Quinta Feira da Ascensão, quando está à hora,  
Feliz a alma que morre nessa hora.  
Quando eu dormia, me foram acordar,  
Na melhor hora que eu tinha para me salvar”.
- [19] António M.Romeiro Carvalho, “Bruxa e Mulher de Virtude na Aldeia...”, p. 81
- [20] Moisés E.Santo, *A Religião Popular Portuguesa*, p. 67
- [21] Pierre Clastres afirma que na cultura ocidental domina o número ímpar - Deus é uno, enquanto que junto dos índios Guarani é o par o símbolo da perfeição. “Os sábios pré socráticos diziam que o Bem é Uno, ao passo que os pensadores Guarani afirmam que o Uno é o Mal”. Ver o Prefácio de Pierre

Clastres, *O Grão Falar, Mitos e Cantos Sagrados dos Índios Guarani*, p. 13

[22]

Cf. Moisés e.Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, um pouco por todo o livro

[23]

Lá dentro, na igreja, canta-se:

"Do varão nasceu a vara,

Da vara nasceu a flor.

Da flor nasceu Maria,

De Maria o Redentor".

Cá fora, homens e rapazes são mais directos:

"Ó meu menino Jesus

Ó meu menino tão belo

Logo vieste nascer,

Na noite do caramelo.

Coro:

Charifa p'ra'qui, charifa p'ra'li,<sup>[23]</sup>

Agora é que ela vai boa.

Agora é que ela vai boa,

Roubaram-me o meu rapaz,

Tinha três fiquei com quatro

Olha a falta que ele me faz".

[24]

Sobre este assunto, ver Moisés E.Santo, *Os mouros Fatimistas e as aparições de Fátima*, pp. 266-269 e passim.

[25]

Cf. Ludwik Stomma, *Campagnes Insolites...*, p. 89

[26]

G.Van der Leeuw, *La religion dans Son Essence...*, p. 94